

DEVOTIO MODERNA

BREVE INTRODUÇÃO À ESPIRITUALIDADE
NA BAIXA IDADE MÉDIA

Luciano Alves

[@instagram/luciano](https://www.instagram.com/luciano)

Uma palavra explicativa

Este e-book que você baixou ou está tendo acesso, foi elaborado a partir de uma palestra que ministrei na 6ª Conferência Teológica, da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, que aconteceu de 23 a 25 de Outubro de 2023.

O conteúdo deste E-book, embora se valha de biografia consistente, trata-se de um material introdutório diante da complexidade da temática e dos muitos textos existentes e de outros que são produzidos de modo recorrente, em muitas línguas, tratando desses assuntos.

Para os interessados em pesquisar mais sobre os assuntos presentes neste material, disponibilizei links para que o material seja visualizado e adquirido. Lembrando que esse e-book está sendo produzido em outubro de 2023, não sendo garantido que os links funcionem com o passar do tempo.

Erros de grafia poderão acontecer, embora nossa preocupação. Ainda, o material pode ser compartilhado e utilizado em pesquisas e trabalhos, desde que sejam dados os devidos créditos.

Muito obrigado,
Prof. Me. Luciano Alves

**Se as obras de Deus pudessem ser
compreendidas facilmente pela
razão humana, não poderiam ser
chamadas de inefáveis, nem
maravilhosas.**

A imitação de Cristo
(Thomas de kempis)

INTRODUÇÃO

Quando pensamos na espiritualidade da Baixa Idade Média, um dos exageros mais comuns era a busca por experiências místicas ou extáticas.

Alguns místicos acreditavam que era possível alcançar um estado de união com Deus, testemunhado através de experiências como visões, revelações, profecias ou outros fenômenos extraordinários.

Essa busca por tais experiências, às vezes, levava a práticas perigosas ou insalubres, como a clausura, autoflagelação ou o jejum excessivo.

Embora esse contexto, o exemplo da Devotio Moderna ilustra outros aspectos dessa busca espiritual. Com ênfase dada à vida interior, à leitura e meditação nas Escrituras e uma vida de oração, tal prática voltava-se mais aos ideais do Cristianismo Primitivo, despertando em muitos dos seus adeptos a ascese, a rejeição dos confortos e bens materiais e a busca por imitar a pessoa de Cristo.

Nessa breve reflexão sobre assunto tão profundo vamos estudar os contextos da espiritualidade da Baixa Idade Média, o exemplo da Devotio Moderna, seus principais expositores e como tais práticas podem ser úteis nos dias atuais.

Igreja Primitiva e início da Idade Média

Inicialmente, devemos lembrar que a igreja primitiva mais centrada no oriente, tinha suas reuniões caseiras onde se alimentavam espiritualmente e sinais e maravilhas não eram incomuns dentro daqueles contextos.

Se observarmos os textos das Escrituras podemos constatar que houve muitos milagres registrados após a elevação do Senhor aos céus e a descida do Espírito Santo.

O livro histórico do Novo Testamento, Atos do Apóstolos, nos mostra essa realidade.

Com a crescente expansão da igreja outros tantos povos foram alcançados. Muitos autores têm essa ideia de que, foram as perseguições que promoveram avanços cada vez mais amplos do Cristianismo, a ponto de no Século IV, a Bretanha, tanto a continental quanto a insular, e países nórdicos, em alguma medida, já teriam sido alcançados pelo evangelho.

Tertuliano de Cartago, morto no início do século III, famoso erudito à época dos Pais da igreja, diz que: o sangue dos mártires rega a semente do evangelho.

Com o passar do tempo e a universalização da fé através da conversão do imperador Constantino temos um aparente esfriamento espiritual, porque antes a igreja era tida como inimiga do estado: não adorava César, nem praticava os cultos às divindades, suas reuniões eram tidas como secretas, sempre suspeitos de estarem tramando alguma coisa, acusados de canibalismo e incestos etc.

Milhares de irmãos tiveram seus bens confiscados, sofreram embargo comercial, foram expatriados, perseguidos de diversas formas, mortos em arenas e crucificados. Mas, depois de Constantino isso mudou.

Os bens das igrejas foram reavidos, muitos crentes passaram a desfrutar certas regalias e muitos bispos passaram a ter privilégios inimagináveis outrora, incluindo funções jurídicas, pois muitos se tornaram juízes locais, exercendo autoridade sobre pleitos dos cidadãos comuns e, evidentemente, aumentando seu poder sobre os populares e seu patrimônio particular.

Se antes a igreja era pobre, vai se tornar rica e, sorrateiramente, os olhos de muitos da igreja, especialmente líderes, foram descendo dos céus para os horizontes dessa existência e fizeram dos prazeres deste mundo seu novo céu.

Inclusive, não era incomum que líderes nas igrejas, além das suas famílias, terem filhos nascidos de relações ilícitas, sem contar com outras práticas sexuais ilícitas de toda natureza, bebedeiras, festas promiscuas etc.

Mosteiros e Conventos

Mas, vale ressaltar que mesmo antes de Constantino temos algumas manifestações de cristãos que não concordavam com os modos como as igrejas funcionavam, ou, se aventuravam em buscas particulares por experiências espirituais.

Alguns se tornaram ermitões, vagando solitários ou acompanhados, criando comunidades de descontentes, pelos desertos. Assim, criam comunidades monásticas, abrigando famílias inteiras, buscando por uma experiência mais funda com Deus. Algo que os ritos da igreja, não estavam oferecendo.

Dois grandes projetos nascem desses contextos, para abrigar esses religiosos: mosteiros e os conventos.

Enquanto o **mosteiro** estaria mais ligado ao campo, onde o monge (ou monja), buscaria em sua solitude e solidão se aproximar de Deus, naquele ambiente distante da civilização, completamente isolado, numa negação radical para com o mundo.

O **convento**, por sua vez, abrigará frades e freiras, que funcionando em outros códigos, serão construções presentes nas cidades, onde os internos sairiam para mendigar e interagir com a comunidade no seu entorno.

Mas, diante da procura por experiências espirituais e os movimentos se ampliando a solução da igreja é institucionalizar o movimento. Isso se dá através do estabelecimento da ordem de São Bento de Nursia.

São Bento organiza as atividades monásticas. Participa da fundação de mosteiros e cria a regra beneditina: ora et labora! Ora e trabalha. A regra beneditina (A.D. 529) incluía a pobreza, a virgindade, a obediência, a oração e o trabalho.

Mosteiro na Toscana, Itália
(Pixabay)



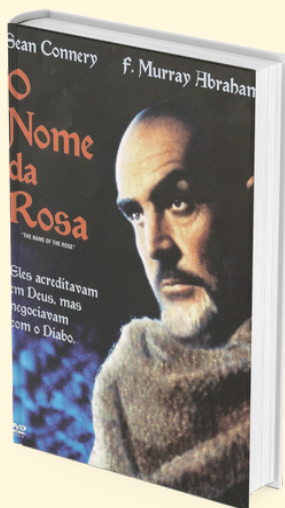
São movimentos que revelam que existe uma grande procura, uma busca intensa por parte de alguns, por uma espiritualidade mais funda, menos ritualística e mais experiencial. Uma experiência mística.

De fato, pequena parte da população são membros das ordens monásticas. Mas, seus efeitos foram sentidos em círculos muito mais amplos, posteriormente, especialmente por conta das atividades das ordens mendicantes que nutriam um zelo e ardor missionário (LATOURETTE, 2006, p. 703).

Essa introdução é para mostrar que os movimentos de espiritualidade sempre existiram.

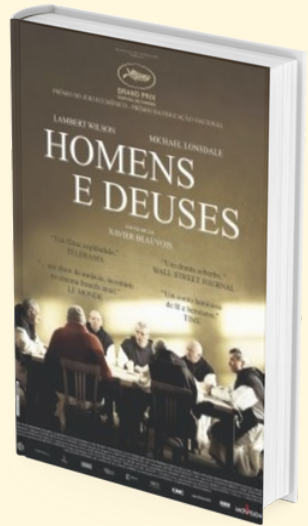
Alguns filmes ilustrativos

O nome da Rosa (1986), de Umberto Eco, Filme italiano cujo enredo se passa num mosteiro beneditino, no ano de 1327.



Uma série de assassinatos ocorrem e o frade franciscano Guilherme de Baskerville é enviado ao local para investigar, acompanhado pelo noviço, Adso de Melk, narrador da história. Dentre os mistérios, no mosteiro existe uma biblioteca secreta, que guarda livros considerados heréticos pela Igreja Católica.

Homens e deuses (2010) – filme francês, dirigido por Xavier Beauvois, um histórica verídica, quando em 1996 fundamentalistas islâmicos invadem um mosteiro na Argélia, no norte da África.



Narziss und Goldmund (2020) – filme Alemão, baseado no romance de Herman Hesse (1930), dirigido por Stefan Ruzowitzky, que conta a história de uma amizade entre dois

monges de naturezas diferentes. pois, enquanto um se entende como religioso, o outro acaba sendo expulso do mosteiro por conta das suas rebeldias.

Inícios dos movimentos místicos da Baixa Idade Média

É importante lembrar que a Baixa Idade Média, foi o segundo período da Idade Média, compreendido entre os séculos XI e XV. Período este marcado por grandes transformações, tanto na Europa Ocidental quanto no resto do mundo. Nesse recorte temporal temos o auge do feudalismo, as cruzadas, a peste negra, o tribunal do santo ofício (inquisição), renascimento cultural, político, econômico, as grandes navegações, colonialismo etc.

Do ponto de vista teológico, nesse período houve um importante desenvolvimento da teologia escolástica com São Tomás de Aquino, especialmente focada na filosofia aristotélica.

Mas, também existe um florescimento do misticismo, e uma forma de piedade popular que buscava conjugar duas coisas: uma vida de devoção e com uma vida de serviço no mundo e para o mundo. Nesses movimentos havia um vívido interesse da busca pessoal pelo contato direto com Deus.

Isso também era um sinal de que se buscava uma renovação na própria igreja, como diz Wilinston Walker: uma religião de verdadeira interioridade em vez de mera conformidade aos ritos e cerimônias exteriores (2015, p. 421).

Houve casos de exageros por parte desses místicos, evidentemente, que na busca por uma espiritualidade mais funda, acabou desenvolvendo práticas ascéticas muito exageradas, distorcendo inclusive as Escrituras e criando dogmas conflitantes, sofrendo, assim, condenações oficiais da igreja – Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício já existia desde o século XIII (1233), durante o papado de Gregório IX; acentuada a partir dos governos de Fernando de Aragão e Isabel de Castela (séculos XV-XVI).

Dentro desses contextos, dois místicos eruditos se sobressaem, um deles da Bretanha insular (Inglaterra), John Wicliff (? – 1384) e o outro da Boêmia, John Huss (1369-1415).

O Movimento Dominicano

A ordem Dominicana foi fundada em Toulouse (Fr) em 22 de dezembro de 1216, por Dominic de Guzman, sacerdote espanhol. Ordem confirmada pelo Papa Honório III.

Infiltrado entre os hereses albingenses, Dominic de Guzman, através do estilo simples, apresentando-se como pobre, descalço e pedinte – ele que entendia que a pobreza e a pregação andavam juntas, teve mais eficácia em seus métodos do que a suntuoso papa. Percebendo o sucesso da sua empreitada, convocou homens de pensamentos semelhantes e continuou seu trabalho em outros lugares.

A ordem, inicialmente, era conhecida como Mendicantes, e o termo Frei (ou irmão), os distinguiu dos outros monges (SHELLEY, 2004, p. 238). Mais tarde, porém, assume o nome do seu fundador,

Os Dominicanos, ordem cujos homens são chamados de frades e as mulheres, freiras; que professam voto de obediência (Deus, Virgem Maria, a Dominic, e às Leis dos irmãos pregadores), isto inclui a pobreza e a castidade. Vivem em comunidade, em conventos, implantados tradicionalmente nas cidades. Existem na ordem os frades-padres e os frades cooperadores, que embora não sejam ordenados, comungam inteiramente da missão da ordem.

Teologia Mística Alemã

Os dominicanos constituem a base da teologia que, por sua vez, influenciará diretamente determinadas expressões religiosas místicas. Um místico importante foi **Maister (John) Eckhart** (1260-1328), da Turíngia (Alemanha) erudito dominicano, que serviu como professor nas universidades de Paris, Estrasburgo e Colônia.

Já perto do fim da vida, foi acusado de heresia pelo papa João XXIII, por conta da sua concepção sobre um aspecto ontológico presente no homem. Segundo ele: há no homem uma fagulha colocada pelo próprio Deus, que evoca a ideia de uma união da alma do homem com Deus desde o seu nascimento.

Um dos seus discípulos dominicanos – **Johann Tauler** (1300-1361), dirá que essa fagulha existe, mas trata-se de uma concessão, ou seja, não é intrínseca, é necessária a doação dessa benção – operada pela graça que envolve a união das vontades humana e divina – por implicação, isso depende da fé que o homem aplica à Palavra de Deus para ser iluminado por ela. João Tauler vai influenciar muito Martinho Lutero.

Para Lutero, os ensinamentos de Tauler são fonte de teologia pura. Por isso, também, muitos eruditos entenderão Tauler como precursor da Reforma Protestante (WALKER, 2015, p. 423).

Outro nome importante para nossa análise trata-se do, também dominicano, **Henrique Suso** de Constança (Alemanha). Foi aluno de Tauler e teve uma experiência importante de reclusão. Depois disso passou a pregar e exercer o ministério pastoral em Constança e Ulm.

Era também defensor das idéias de Eckhard e Tauler, falando sobre a união mística, como união das vontades (divina e humana), e seus conceitos são transformados num texto muito importante intitulado - **O pequeno livro da verdade**. Esse texto se tornou muito popular, ficando aquém, à época, apenas de **A Imitação de Cristo**, de Thomas de Kempis.

A gênese da Teologia Alemã

Esses três místicos também se encarregaram de cuidados pastorais para com as freiras na Renânia (Alemanha); tanto as dominicanas quanto as beguinas, mulheres leigas que viviam de modo piedoso, dividindo a vida entre o trabalho, a oração e a pregação (ELIADE, 2011, p. 193). Essas já tinham práticas ascéticas importantes como ideal de pobreza absoluta, renúncia interior, uma vida asceta séria.

Assim esse encontro pode ser considerado como a gênese do fenômeno do misticismo alemão: **piedade feminina, teologia dominicana, cuidado pelas almas e a pregação vernacular (em alemão).**

Posteriormente, no século XIV esses místicos alemães influenciaram tanto clérigos como leigos, na Renânia e na Suíça – um grupo chamado de “Amigos de Deus”.

Desses encontros surgiu um documento importante no final do século XIV que ficou conhecido como **Teologia Alemã**, que influenciou profundamente Martinho Lutero, a ponto de publicar e prefaciá-lo em duas edições do documento em 1516, 1518.

Essa piedade alemã foi tomando certa proporção e migrou para os países baixos (Holanda).

Naquele contexto, o principal nome foi o de **João Ruysbroeck** (1293-1381) que foi pároco em Bruxelas, posteriormente participou de uma comunidade de ermitões (Bruxela, Groenendael), onde estabeleceu juntamente com um grupo de amigos uma comunidade contemplativa de cônegos agostinianos, sendo o primeiro superior da comunidade.

Outros místicos e outras místicas

Região da Renânia e dos Países Baixos, à época, eram os principais centros de espiritualidade mística. Mas, há um notável florescimento místico também na Inglaterra. A diferença é que os místicos ingleses eram eremitas, não membros ativos de comunidades monásticas. Ficaram conhecidos também por conta dos seus textos místicos.

Alguns nomes importantes dessa safra do século XIV foram: **Richard Rolle (1300-1349)**, autor de Fogo de amor; **Walter Hilton (? - 1396)**, autor de A escala da perfeição; um ermitão anônimo (possível data da obra, 1350-1380) que escreveu um texto importante chamado de A nuvem de inconsciência.

uma das maiores místicas da Idade Média, **Juliana de Norwick (1342-1416)**, Revelações do amor divino. **Catarina de Siena (1347-1380)**, teve muitas experiências, as primeiras registradas a partir dos 5 anos de idade – via Jesus, aos sete anos, voluntariamente, dedicou sua vida a Deus. Foi autora de textos como Diálogo da providência divina, ou Livro da divina doutrina, cartas e orações escritas.

Excessos Místicos

Dentro desses contextos, entre alguns grupos (Beguinhas e begardos), desenvolveram-se a heresia que ficou conhecida como a seita do Espírito Livre, que evocava a ideia da Perfeição Divina nessa vida, tendo por base a doutrina da impecabilidade do crente. Neste caso, uma união total com Deus – pessoa deificada, que dispensaria os ritos da religião e a própria participação das missas, das graças sacramentais, das boas obras. Assim, a pessoa deificada, não teria mais obrigações com as leis da igreja, nem com a lei moral de Deus.

Espírito livre era uma seita composta em sua maioria por mulheres, mas não era um movimento organizado, mas esparso, em cidades no norte e sul da França. E todos grandes místicos no norte da Europa condenavam tal seita.

Margarithe Porete, por exemplo, a mais famosa mística desse movimento foi queimada na fogueira da inquisição, em 01 de junho de 1310, Papado de Clemente V - pois seus inquisidores entenderam que seu livro, **O espelho das almas simples** ensinava essas idéias.

Curiosamente, o Papa Francisco, aceitou reavaliar o caso das beguinhas em 2006 e chegou ao caso de Margarithhe Porete que foi absolvida da condenção, postumamente, em 2016.

Marguerite Porete, mística francesa do século XIV, autora do “O espelho das almas simples e aniquiladas e daqueles que permanecem apenas na vontade e no desejo de amar”.



Seu livro foi condenado pela Inquisição francesa, acusado de conteúdo herético. Convidada a se retratar, diante da recusa aos inquisidores, foi condenada à morte. Sendo queimada na fogueira da inquisição em 1º de junho de 1310, em Paris.

Cátaros

Na segunda metade do Século XII surgiram dois grupos de hereges no seio da igreja, que ameaçavam a conduzir para fora da comunhão, a igreja romana, desde os Alpes, até os pirineus, a saber, os **Cátaros** e os **Valdenses**.

Foram considerados hereges porque a hierarquia da igreja os julgou oponentes a elementos essenciais da fé católica clássica, constituída pelas Escrituras, pelos Pais da Igreja, pelos Credos Eclesiásticos, pelas determinações dos Concílios; estes ainda se opunham aos pronunciamentos dos papas.

Os cátaros também foram conhecidos como albigenses, em referência a uma importante cidade do sul da França que se converteu ao catarismo – Albi. O catarismo foi muito comum entre as camadas populares, principalmente artesãos e mercadores, mas também chegou a converter membros da alta nobreza de Languedoc (região no sul da França).

A partir do século XII, a heresia estabeleceu-se de maneira considerável e passou a instalar bispos em partes da Europa: um bispo no norte da França em 1149, outro em Albis e ainda outro na Lombardia. Nos anos seguintes na Itália, e no fim do século já haviam 11 bispados.

Atribui-se o sucesso do catarismo ao descontentamento que havia com a igreja católica no século XI. O seu crescimento na França e na Itália motivou a igreja católica a organizar duas cruzadas contra os hereges: a Cruzada Espiritual (1147-1209) e a Cruzada Albingense (1209-1229).



Sugestão de leitura
clique na imagem

Valdenses

Os adeptos de Valdo, mais tarde conhecido como Pedro Valdes (m. c. 1216), um rico mercador de Lyon que renunciou à sua fortuna e posição na década de 1170 para tornar-se pregador errante e levar uma vida de pobreza apostólica.

Ele e seus seguidores foram examinados pelo papa Alexandre III no Terceiro Concílio de Latrão (1179) e, embora o modo de vida deles merecesse aprovação, foram proibidos de pregar sem autorização do episcopado local.

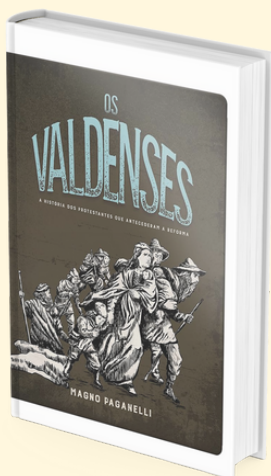
Como não obedecessem a tal decisão, foram excomungados em 1182 e expulsos de Lyon, e em 1184 foram apontados como hereges na bula papal *Ad Abolendam* e tornaram-se vítimas de perseguições.

Os pregadores valdenses e os adeptos ou “amigos” que os sustentavam com esmolas, espalharam-se pela Lombardia, Espanha, Alemanha e Áustria, e mais tarde chegaram à Boêmia, Polônia e Hungria.

Nos vales isolados do Piemonte, sobreviveram a perseguições esporádicas e a uma Cruzada foi desencadeada contra eles em 1497.

Em 1532, a maioria deles reuniu-se aos seus confrades da Saxônia e do Delfinado, que eram profundamente influenciados pelos ensinamentos de Lutero e Zwínglio, e acabaram atraídos para a corrente principal da Reforma.

Os valdenses formalmente se tornaram parte da tradição Calvinista e uma Confissão de Fé, com as doutrinas reformadas, foram formuladas e os valdenses decidiram a proclamar sua fé abertamente na França.



Sugestão de leitura
clique na imagem

Mircea Eliade

A leitura que faz Mircea Eliade de todo esse movimento chama a nossa atenção, pois diz que:

O século XIV caracteriza-se não apenas pelas grandes crises que abalaram a Igreja Ocidental (residência do papa em Avignon, 1309-77; o Grande Cisma, 1378-1414; quando dois ou três papas governam ao mesmo tempo), como também por uma série de calamidades e de flagelos cósmicos: cometa, eclipses solares, inundações e, sobretudo, a partir de 1347, a terrível pandemia de peste, a “Morte Negra”, é com o propósito de comover Deus que se multiplicam as procissões dos flagelantes.

(...) Com efeito, orgulhosos de sua auto-tortura, e a despeito de sua ignorância teológica (...) visando expiar seus pecados e, sobretudo os pecados do mundo, grupos itinerantes de leigos percorriam o país guiados por um “mestre”. Ao chegar a uma cidade, a procissão, às vezes, bastante numerosa (vários milhares de pessoas), dirigia-se para a catedral entoando hinos e formando diversos círculos.

Em meio a prantos e suspiros os penitentes invocavam a Deus, a Cristo e a Virgem. E começavam a flagelar-se com violência tal que seus corpos se convertiam numa massa túrgica de carne azulada (ELIADE, 2011, pp. 195, 196 - Vol. III).



Sugestão de Leitura,
clique na Imagem

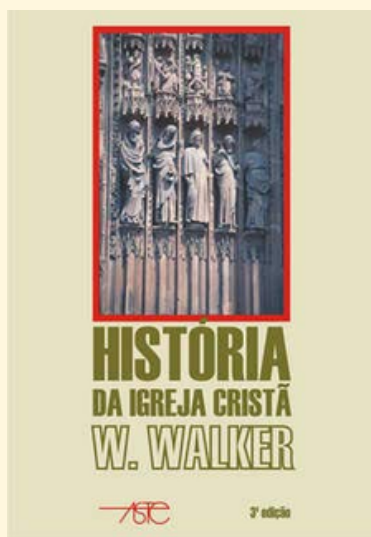
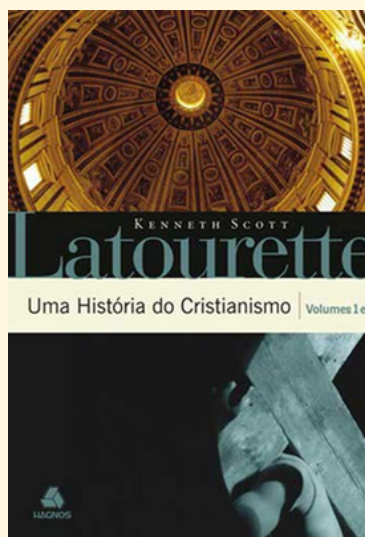


(Demais volumes da coleção)

Ações Sociais

Nos séculos XII e XIII as cidades crescem, aumentam suas riquezas e as obras de caridade se ampliam (PERCIVALDI, 2018, p. 289). O laicado começa a se envolver com aquilo que já faziam os bispos, clero e monges, que era cuidar de doentes. Associações e fraternidades começam a se formam; hospitais, asilos, leprosários são fundados e mantidos; e também albergues para peregrinos e viajantes. O entusiasmo espiritual do período foi tão expressivo que muitos autores se dedicaram a registrar o período. Destaque-se Henri Bremond que escreveu a sua História literária do sentimento religioso em onze espessos volumes (DANIEL-ROPS, 2000, p. 61 – Vol VI).

Além disso, também, em razão do crescimento da devoção e do entusiasmo, do século X ao XIV há um grande florescimento da poesia e de composições de hinos, por membros das novas ordens monásticas que surgem dos despertamentos religiosos da época (LATOURETTE, 2006, p. 721).



Na minha opinião esses dois livros tratam-se dos textos mais importantes, em português, sobre a História da Igreja (obras raras e por isso, caras). Até a data da edição desse e-book (out/2023), a Amazon oferecia algumas poucas opções de compra. Click nas imagens e confira.

Os Goliardos

A contra partida deste movimento espiritual foram os Goliardos. Poetas e músicos itinerantes que surgiram durante a Idade Média, principalmente nos séculos XI e XII.

Eram estudantes, clérigos ou ex-clérigos que viviam uma vida boêmia e despreocupada, rejeitando as normas e convenções da sociedade medieval.

Estes se utilizaram da sua educação e cultura para a escrita da poesia e para composição de suas canções. Tornaram-se conhecidos por essas canções satíricas, irreverentes e muitas vezes obscenas, que criticavam a Igreja, a nobreza e a sociedade em geral.

Suas canções abordavam temas como o amor, a bebida, a alegria da vida e a transitoriedade da existência.

Esses poetas viajavam de cidade em cidade, freqüentemente se apresentando em tavernas e festivais populares. Ainda, se reuniam em grupos conhecidos como "távolas redondas" para compartilhar suas composições e se divertir.

Embora tenham sido considerados marginais, e muitas das suas canções obscenas, tenham sido censuradas pela Igreja, eles tiveram uma influência significativa na literatura e na música medieval. Suas obras foram preservadas em alguns manuscritos,

talvez o mais famoso deles seja o "Carmina Burana", que foram redescobertos no século XIX e se tornaram famosos através da composição musical do maestro alemão Carl Orff.

São raras as pesquisas em português sobre esse artistas. Algumas obras os citam. A história da educação na Idade Média, traz breve nota sobre os Goliardos (COSTA, 2018, PP. 244, 245) e o Dicionário da Idade Média, organizado por Henry Loyn da Universidade de Londres, traz o verbete acrescentando outros detalhes (LOYN, 1990, p. 169).

Devotio Moderna

O mais disseminado e influente movimento religioso ortodoxo da Baixa Idade Média foi aquele que ficou conhecido como “Devotio Moderna”.

Originário dos Países Baixos, presente nas cidades de Deventer, Kempen, Zwolle, Windesheim. O mentor do movimento eram Geert Groote (1340-1384) e seu discípulo, Florêncio Radewijns (1350-1400).

Groote nasceu na Deventer, diocese de Utrecht. Estudou em Aachen, depois, foi para a Universidade de Paris, quando tinha ainda quinze anos. Lá estudou filosofia escolástica e teologia em Sorbonne.

Devotio Moderna



Foi aluno de Guilherme de Ockham, estudou direito canônico, medicina, astronomia, (até magia) e um pouco de hebraico. Formou-se em 1358, tendo continuado seus estudos ainda em Colônia. Sua conversão se deu em 1370.

A influência dos Amigos de Deus

As relações de Groote com os Amigos de Deus da Alemanha e os textos místicos o levaram ao misticismo. Amigos de Deus, trata-se de uma associação de pessoas piedosas, tanto eclesiásticas quanto leigas, tendo por objetivo o cultivo da santidade. Seu nome faz alusão, muito provavelmente, a passagem do evangelho de João (15. 14-15).

Sua possivelmente origem tenha sido na Basiléia, entre os anos de 1339 e 1343, e daí se estenderam pelo Reno até a Holanda, sendo que as cidades mais proeminentes em sua história foram Basiléia, Estrasburgo e Colônia.

Percebendo que o estado da sociedade em sua maioria estava muito longe do ideal divino, aqueles religiosos se esforçaram para neutralizar as muitas influências mundanas da época, aplicando-se com zelo às práticas da vida interior e trabalhando diligentemente para a conversão dos pecadores.

Desse grupo de ascetas, que buscavam, sobretudo, a santidade, surgiu a grande escola de místicos alemães. Eles tinham o objetivo de se tornarem separados do mundo, edificando-se na devoção católica, não eram simpáticos aos movimentos místicos heterodoxos, buscavam uma contemplação afetiva, e eram dados à especulação sem propósito, cuja presença era comum na religiosidade popular.

Seus grandes líderes eram dois dominicanos, o eloquente pregador João Tauler (1300-1361) e o escritor contemplativo Henrique Suso (1300-1365). A eles devem ser acrescentados Henrique de Nördlingen, Conrado de Kaiserheim e os dominicanos João de Tambach (célebre teólogo), João de Sternengassen, Dietrich de Colmar e Nicolau de Estrasburgo.

Entre aqueles que eles orientaram no caminho da perfeição havia várias comunidades de freiras, principalmente dominicanas (por exemplo, em Unterlinden, Engelthal). Dessas dominicanas, as mais renomadas pela santidade são as escritoras místicas Christina e Margaretha Ebner. Entre seus discípulos que vivem no mundo, podem ser mencionados os seguintes: Rulman Merswin, um rico comerciante de Estrasburgo (1382), Henrique de Rheinfelden e o cavaleiro de Landsberg.

Os sermões, tratados e cartas dos Amigos de Deus são notáveis pela beleza de seu estilo, sendo que alguns consideram os sermões de Henrique Suso como a melhor prosa do século XIV. A correspondência de Henrique de Nördlingen e Margaretha Ebner são os primeiros exemplos de literatura epistolar em língua alemã, e os sermões de Tauler são obras-primas de eloquência.

Groote naquele mosteiro conheceu os escritos místicos que eram estudados pelos cartuxos, foi ordenado diácono e tornou-se pregador em Utrecht, atacando a imoralidade eclesial e monástica, teve a licença (para pregar) caçada em 1383, apelou da sentença ao papa, mas morreu antes que seu apelo fosse respondido.

A formação das Comunidades Devotio Moderna

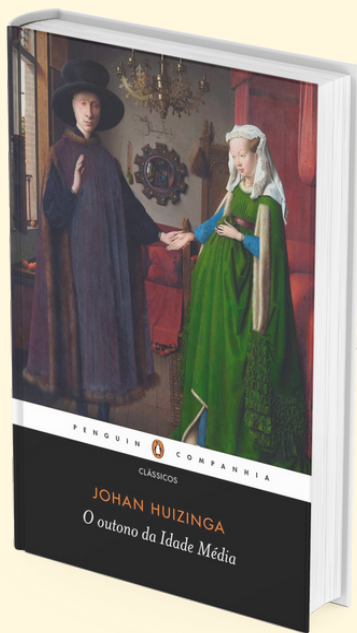
Groote formou um núcleo em sua casa intitulado **Irmãs da Vida Comum**, onde mulheres pobres que buscavam alcançar comunitariamente uma vida de serviço a Deus e à sociedade. Grupo este formado, especialmente, por Beguinas, citadas anteriormente, religiosas leigas, uma vez que não faziam votos formais, vivendo naquele ambiente semi-monástico.

Esse núcleo atraiu muitas jovens para os seus quadros, assim estabeleceram conventos de irmãs por toda parte ocidental da Alemanha e nos Países Baixos.

A ideia original de Groote era uma vida de observância religiosa comum, sem separação da sociedade secular, e aqueles que permaneceram mais próximos desse ideal foram os leigos Irmãos da Vida Comum, que construíam com a grande maioria dos devotos daqueles contextos (HUIZINGA, 2021, p. 307).

"Outono da Idade Média" é um livro escrito pelo historiador holandês **Johan Huizinga (1872-1945)**, publicado originalmente em 1919. A obra é uma análise profunda da cultura e da sociedade europeias durante o final da Idade Média, aproximadamente entre os séculos XIV e XV.

Temas como: a arte, a literatura, a religião, os costumes e as mentalidades da sociedade medieval são explorados no livro.



Baseados em princípios como humildade, obediência, simplicidade de vida e a integração na comunidade, a nova devoção praticada pelos Irmãos e Irmãs da Vida Comum nutria a consciência de uma profunda relação com Deus, enfatizava meditação constante na vida e paixão de Cristo, sustentando-se nas práticas espirituais e ritos tradicionais da igreja.

Embora não quisessem entrar em conflitos com a igreja, ainda, assim, eram vistos com desconfiança pelo clero. Mantinham por objetivo eliminar o formalismo da religião, os abusos na vida da igreja, mediante a doutrinação de uma piedade e fervor interior. Essa piedade era meditativa e não mística, era mais reflexiva e não apelava a buscas por experiências espirituais heterodoxas.

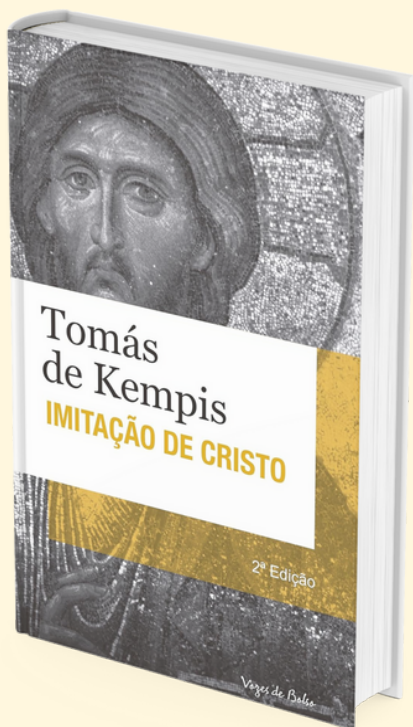
Assim, o livro representante desse movimento, que excedeu a qualquer outra obra da Idade Média foi **A Imitação de Cristo, de Tomas de Kempis (1380?-1471)**. Essa comunidade ficou conhecida também como Devotio Moderna e sobreviveram até o século XVI (LOYN, 1997, p. 211).

Os membros da Devotio Moderna não viviam à esmo, como muitos membros de ordens medicantes como Dominicanos, Franciscanos, Carmelitas, ermitões agostinianos (POST, 1968, p. 7); nem se interessavam pelas especulações e experiências místicas, antes, os membros daquelas comunidades viviam um Cristianismo simples, generoso e tolerante, que não se afastava da ortodoxia e no final do Século XIV e início do século XV.

O movimento alcançou grande número de leigos, assim, a Devotio Moderna antecipou e acompanhou os movimentos da Reforma do Século XVI, pois, demonstrou que o desejo de viver uma vida comunitária simples, de abnegação, imitando Cristo e os apóstolos, estava tão vivo no fim da Idade Média quanto o foi na Igreja Primitiva (ELIADE, 2011, pp. 198, 199).

A Imitação de Cristo

Sugestão de leitura
clique na imagem



A importância da Devotio Moderna para os nossos dias

Com base nesses movimentos todos e, especialmente, pensando na **Devotio Moderna**, nos perguntamos: o que podemos aprender de modo prático com este movimento, para os nossos dias?

1_ A importância da leitura, da oração, da meditação e da contemplação:

A Devotio Moderna enfatizava a **importância da oração e da meditação** como meios de se conectar com Deus.

Aqueles homens e mulheres eram incentivados a ler as Escrituras, bem como obras devocionais e espirituais, e a meditar sobre seu significado e a aplicar aquelas verdades em suas vidas, em seu cotidiano.

Nos dias atuais, em meio ao ritmo acelerado da vida moderna, é fácil deixar de lado esses momentos de reflexão e comunhão com o Deus. No entanto, eles são essenciais para mantermos uma vida espiritual saudável.

2_A importância de se Imitar a Cristo

Aqueles que participavam das comunidades “Devotio Moderna”, acreditavam que a melhor forma de se aproximar de Deus era imitando a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo.

Nos dias atuais, em meio a tantos modelos, couchs, gurus, influenciadores (aliás, quando eu chamo de influencer, alguém que tem idade para ser meu filho, ou meu neto, alguma coisa está errada com essa sociedade), precisamos nos lembrar que a nossa referência não é esta.

Ainda que devemos ter a humildade de aprender com todos, de toda as idades, a referência para se aprender algo é baseada, também, na experiência de vida, coisa que um menino ou menina ainda não tem. A nossa principal referência segue sendo Jesus Cristo de Nazaré, assim, cuja e ensinosa nos inspiram a vida, para que sejamos úteis para Deus e para as pessoas.

3_A importância da simplicidade

Nessas comunidades, onde se praticava a “Devotio Moderna”, rejeitava-se os excessos e a ostentação. Os líderes pregavam uma vida simples e modesta, centrada em valores essenciais, não dando importância excessiva para as coisas materiais.

Nos dias atuais, em meio ao consumismo e à busca incessante por status, é essencial nos lembrar da importância da simplicidade.

4_ A importância das Comunidades

A Devotio Moderna acreditava que a fé é melhor vivida, sustentada, edificada em comunidade.

Desde sempre podemos encontrar apoio e inspiração na nossa comunidade religiosa.

São as nossas comunidades, igrejas, congregações que possibilitam ajustes, crescimento, comunhão, manutenção da fé, resistência àquilo que não é a Verdade de Deus.

Palavra Final

Assim, a **Devotio Moderna**, embora do ponto de vista histórico, geográfico, cultural, idiomático etc. esteja tão longe deste tempo e de todos nós, segue nos desafiando a tentar enxergar no Cristianismo vivenciado por aqueles irmãos, um estilo de vida cristã desafiador, tanto particularmente, como comunitário, que vive em meio a uma sociedade com estilo bastante diferente do ideal revelado nas Escrituras.

Bibliografia

DANIEL-ROPS, Henri. A igreja dos tempos clássicos. Tradução: Henrique Ruas e Emérito da Gama. São Paulo: Ed. Quadrante, 2000.

ELIADE, Mircea. Histórias das crenças e das idéias religiosas, vol. III: de Maomé, à Idade das Reformas. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HUIZINGA, Johan. Outono da Idade Média: estudos sobre a forma de vida e de pensamentos nos séculos XIV e XV e dos Países Baixos. Tradução: Francis Petra Janssen. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LATOURETTE, Kenneth Scott. Uma história da Cristianismo. Tradução: Heber Campos. São Paulo: Hagnos, 2006.


LOYN, H. R. (org.). Dicionário da Idade Média. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

PERCIVALDI, Elena. A vida secreta da Idade Média: fatos e curiosidades do milênio mais obscuro da história. Tradução: João Batista Kreuch; Leonard A. R. T. dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2018.

POST, R. R. The Devotion Modern: Studies in Medieval and reformation thought (vol. III). Tübingen: Heiko Oberman, 1968.

SHELLEY, Bruce. História do Cristianismo ao alcance de todos: uma narrativa do desenvolvimento da igreja através dos séculos. Tradução: Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

WALKER, Wilinston. História da igreja cristã. Tradução: Paulo Siepierski. 4ª edição. São Paulo: ASTE, 2015.



Luciano Alves Silva é doutorando em Educação, Artes e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP), Mestre (2018) e Bacharel (2014) em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (2006) e também pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (RS) (2009).

É pesquisador e professor nas áreas de História Geral, História da Igreja, Teologia, Cultura Popular Brasileira e Artes, sendo também poeta, produtor cultural, autor e diretor teatral. Estudou dramatização no Teatro Escola Macunaíma (2011), em São Paulo. Atua como ministro religioso e atualmente é, também, professor de História da igreja e da teologia, Estudos de Humanidades, Estudos da Realidade Brasileira, Liderança e projetos na Faculdade Teológica Batista de São Paulo e no Seminário Teológico de Guarulhos.

Curriculum lattes: <https://lattes.cnpq.br/1036570748473753>